

VIOLÊNCIA NO CÉU

Algumas considerações sobre Mateus 11,12

Lysias Oliveira dos Santos

Resumo

No presente artigo, estudamos o dito de Jesus em Mt 11,12: “Desde os dias de João, o Batista, o Reino dos céus é assaltado com violência; são violentos os que o arrebatam” (tradução da TEB), examinando a ideia de violência nele contida e sua possível aplicação no combate à violência nos dias presentes. O biblista alemão Joachim Jeremias inclui este texto na coleção que ele intitula de “ditos enigmáticos de Jesus”. Cientes da dificuldade do seu entendimento, passaremos pelas diferentes interpretações às quais tivemos acesso, fazendo uma análise dos três elementos constitutivos do texto: a questão da violência, os dois personagens envolvidos: João Batista e Jesus e o palco da violência: o Reino dos céus, em sua relação com os contextos imediatos, anterior e posterior, procurando ver neste dito uma síntese da harmonia entre violência e paz no ministério de Jesus.

Abstract

In this article we study the Lord's saying in Matthew 11:12: “Since John the Baptist came, up to this present time, the kingdom of Heaven has been subjected to violence and the violent are seizing it”, in order to examine the idea of violence contained in it and the possible contributions in fighting against violence nowadays. The German Biblicist Joachim Jeremias includes this text in the collection titled by him “Enigmatic sayings of Jesus”. Aware of the difficulty to understand it, we will examine the different interpretations known in order to analyze three constitutive elements of the text: John the Baptist and Jesus and the violence scenario; the Kingdom of Heaven and its relation with other immediate previous and posterior contexts, looking forward to see in this saying a synthesis of the harmony between peace and violence in Jesus' ministry.

“Desde os dias de João, o Batista, o Reino dos céus é assaltado com violência; são violentos os que o arrebatam” (Mt 11,12)¹.

O teólogo Joachim Jeremias inclui este dito de Jesus, juntamente com o que o antecede, o qual diz que João é o maior dentre os nascidos de mulher, mas o menor no Rei-

1. Tradução da TEB (*Bíblia, Tradução Ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1994).

no dos céus, em uma lista de ditos que foram considerados enigmáticos desde quando pronunciados pelo Mestre. Outros teólogos também acham o dito obscuro, de difícil tradução e interpretação². No texto paralelo (Lc 7,24-34), Lucas omite esta parte, incluindo no lugar outras informações sobre a reação dos que ouviram os elogios dirigidos a João Batista. Possivelmente Lucas fez isto por achar que as afirmações nele contidas não guardavam relação direta com o que Jesus estava dizendo³, se não, por achar mesmo o texto muito obscuro. Mas o próprio evangelista (Lc 16,16) reproduz o dito em outro contexto, sobre a proclamação do Reino de Deus, resumindo-o e tentando torná-lo mais claro. Mas a opinião dos críticos é desfavorável a sua intenção⁴. A conclusão dos críticos em geral é que Mateus deve ter se aproximado mais do dito de Jesus, que circulava no meio da comunidade cristã primitiva.

As palavras traduzidas na versão acima por *assaltado com violência* e *violentos* apresentam uma dificuldade de tradução por aparecerem apenas neste texto e no paralelo de Lc 16,16. Por isso é necessário recorrer ao grego clássico em busca dos sentidos que possam comportar. O verbo na voz ativa, nas poucas vezes que ocorre, tem o sentido de aplicar a força, infligir violência. No bom sentido, aparece como esforçar-se, abrir caminho por conta própria. Na voz passiva, significa ser oprimido, ser tratado com violência, ser forçado contra a própria vontade. No bom sentido pode significar: ser persuadido, ser impelido com ardente zelo. Uma segunda dificuldade é que o verbo apresenta a mesma forma para as vozes média e passiva, daí a dificuldade de saber se a violência está dentro do Reino dos céus ou se é infligida de fora. O verbo acima traduzido por *arreatam* significa: agarrar, arrancar, arrastar, levar por força, roubar, arrebatam. Nas vezes em que aparece na Bíblia, tem o sentido de: atacar (animais, natureza), Jo 10,12; At 27,15; Ap 12,15; impelir (demônios), Lc 8,24; transladar, At 8,39; 2Cor 12,2.4; levar por força, Jo 6,15; 10,2.29; At 6,12; 19,29; roubar, Mt 13,19; livrar, At 23,10; Jd 23; arrebatam (sentido escatológico), 1Ts 4,17. Quer seja no mau ou no bom sentido, a ideia é de um ato voluntarioso e de grande força.

Daí que são muitas as opções de tradução deste dito de Jesus. Davies e Allison catalogam sete possíveis leituras⁵. Da exposição acima podemos perceber que há três pares de oposições que norteiam as escolhas de tradução: a) mau ou bom sentido. Alguns entendem que são os maus que agridem o Reino de Deus, outros acham que os bons querem por força apoderar-se dele; b) voz ativa ou passiva. O Reino dos céus quer, por meio de seus agentes, impor pela força o seu domínio, ou ele, também representado por seus agentes, é alvo de todas as agressões dos que querem impedir o seu progresso; c) forças materiais ou espirituais. Estão envolvidos nesta ação seres e situações humanas ou seres espirituais, tanto maus, os poderes demoníacos, ou bons, os an-

2. Joachim Jeremias. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 71; T. W. Manson. *O ensino de Jesus*. São Paulo: ASTE, 1951, p. 136; Leonhard Goppelt. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 98; nota sobre Mt 11,12 na *Bíblia Sagrada, Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1991.

3. Comentário a Mt 11,12. In: *The Pulpit Commentary. Matthew*. Eerdmans, Michigan, 1950, v. 15.

4. *The Pulpit Commentary. Matthew...* Joachim Jeremias. *Teologia do Novo Testamento*, p. 93-94; Werner Georg Kümmel. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 178.

5. Comentário a Mt 11,12. In: Angelo Lancelotti. *Comentário ao Evangelho de S. Mateus*. Petrópolis: Vozes, 1980.

jos e o Espírito de Deus. Ao longo desta exposição estaremos nos reportando a estas diferentes interpretações. A obscuridade do texto e as múltiplas possibilidades de entendimento ajudam na tarefa à qual nos propomos: as possíveis aplicações do texto para a vida do povo de Deus nos nossos dias. Trabalharemos com os elementos-chave do texto: a violência e os violentos; os personagens envolvidos: Jesus e João Batista e o palco dos acontecimentos: o Reino dos céus.

I – Conceito de violência no texto

a) Violência e Lei

Contexto 1 – Embora se considere que o dito teve circulação independente na comunicação oral da Igreja primitiva, como mostra sua repetição por Lucas em outra situação (Lc 16,16) e por isso seu contexto seria de menor relevância aqui, convém notar que tanto no nosso texto como em Lucas ele está acompanhado de uma referência à lei mosaica. Por isso julgamos que é certo partir nossas considerações do primeiro sentido da palavra violência, que é sua derivação do verbo violar, desobedecer qualquer ordem constituída. O texto marca então o momento histórico em que a Lei estabelecida na cultura do Antigo Testamento é transgredida com violência. Esta situação está presente em todo o ministério terreno de Jesus, pois os guardiões da Lei sempre tiveram Jesus e os seus seguidores como transgressores, e por isso mesmo dignos de toda a condenação prevista na mesma Lei. A própria narrativa onde está inserido o nosso dito, pelo seu tom polêmico⁶, pode ser incluída na forma literária dos ditos de controvérsia, onde Jesus direta ou indiretamente está discutindo com os seus opositores.

Contexto 2 – A grande mensagem anunciada por Jesus no dito é comunicada em total contrariedade às leis básicas da comunicação. O lugar é o mais distante e o menos aparelhado para atrair os potenciais receptores da mensagem, a apresentação do comunicador não é nada atraente, seus hábitos alimentares e até o seu linguajar (Mt 3,4.7), são mais para afastar do que para atrair as multidões. Também as provas da autenticidade do Messias anunciado é feita em um contexto de desobediência às leis: “os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mt 11,5). Tudo isto contrariando as leis que determinam não haver solução para tais estados de saúde. “Jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença” (Jo 9,32). E de há muito também não se ouvia de alguém que tivesse dado uma boa notícia aos pobres, cansados e oprimidos deste mundo (Mt 11,25.28).

Contexto 3 – Mas tanto o contexto anterior como o posterior continuam falando de violência às leis estabelecidas. A declaração do Messias causa grande decepção por contrariar a expectativa que há séculos alimentava a esperança do povo oprimido: “Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas espada”. Além disso, sua presença causará grande subversão na lei fundamental que garante o desenvolvimento harmonioso das pessoas em sociedade, a lei que estabelece a constituição fami-

6. Idem.

liar: “Eu vim trazer divisão entre o homem e seu pai, entre a filha e a sua mãe, entre a nora e a sua sogra. Assim os inimigos do homem serão os seus próprios familiares” (Mt 10,34-35). No contexto posterior também continua o clima de violência com ameaças de ações muito rigorosas e destruidoras para as cidades que não derem ouvidos ao anúncio da chegada do Messias. Diante destas informações só podemos concordar com os teólogos bíblicos: “O reinado de Deus, agora em erupção, já está provocando uma investida violenta”⁷. “A reivindicação de Jesus é enigmática e escandalosa”⁸.

b) Violência e esforço

Contexto 1 – E o que dizer sobre os que entendem o texto como uma referência aos que se esforçam para nele adentrarem? Assim como o dito está acompanhado de uma abordagem à Lei, está também ligado a uma alusão aos profetas. E os profetas eram ao mesmo tempo muito bem-intencionados e violentos em seus pronunciamentos. Suas ações eram motivadas pelo “mais ardente zelo e a mais intensa dedicação”⁹. O zelo deles é que atrai a multidão e leva-a a romper o cerco estabelecido e correr ansiosa na direção de onde vem a ela o aceno para a salvação (Mt 3,5). É por isso que não cessaram de proclamar a restauração dos tempos perdidos e a condenação dos que não se importam com as ameaças da destruição dos que desobedecerem a voz profética. E este esforço não se extingue com João Batista, mas continua com o outro profeta que, com aparência e métodos diferentes, coloca-se ao seu lado insistindo no anúncio do Reino, apesar da indiferença de seus ouvintes.

Contexto 2 – E na nova proposta do Reino de Deus o profeta deve ser bem aceito: “Quem recebe um profeta na qualidade de profeta, receberá galardão de profeta, e quem recebe um justo na qualidade de justo receberá galardão de justo” (Mt 10,41). O profeta deve ser bem aceito porque é justamente ele quem anuncia e prepara as mudanças que estão por vir. Este apelo soa bem forte no meio de uma sociedade que “mata os profetas e apedreja os que a ela são enviados” (Mt 23,37). E isto acontecia porque entendiam como violentas as palavras e ações por eles apresentadas. Mas o profeta tinha apenas de fazer uma opção entre estar ao lado dos poderosos, usufruindo as regalias a eles oferecidas e em troca justificando os seus atos, ou fugir para longe dos centros de corrupção e aí condenar com veemência todos os atos incompatíveis com a conduta do justo, do eleito de Deus. Ele tinha de escolher entre ser um “falso” profeta ou poder dizer em sã consciência “E veio a mim a palavra do Senhor”.

Contexto 3 – A atração pela entrada no Reino é tão forte, que implica em um risco para as pessoas que atendem ao seu apelo. “Quem achar a sua vida perdê-la-á e quem perder a sua vida por minha causa achá-la-á!” (Mt 10,39). Perante os que fecham as portas do Reino e não deixam ninguém entrar (Mt 23,13), alguns temem e desistem da nova vida oferecida aos que lá chegam, mas quem percebe que serão muito felizes

7. Günther Bornkamm. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Teológica, 2005, p. 80.

8. Leonhard Goppelt. *Teologia do Novo Testamento*, p. 98.

9. Comentário a Mt 11,12. In: Russel Norman Champlin. *ONT interpretado*. Guaratinguetá: A Voz Bíblica, s/d, v. 1.

os que dele se apoderam, enfrentam com toda a coragem e destemor os perigos do atrevimento e desprezam a própria vida na busca da conquista deste Reino. Pois para eles “qualquer sacrifício ou esforço era pequeno para pagar pela entrada no Reino”. E não podiam esperar por sua vez, por que até “Os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no Reino dos céus” (Mt 21,31). Mas, com esta atitude destemida eles “para os outros pareciam pessoas violentas e radicais”¹⁰. Também o apelo para esta interpretação do texto é tão grande que os comentadores arriscam violar o sentido da palavra grega traduzida por *violentos*, que em todos os lugares onde aparece, refere-se sempre aos maus: malfeitores, assassinos, ladrões¹¹.

c) Violência e amor

Contexto 1 – Talvez o ponto que mais incomoda neste dito é o fato de sempre entendermos a mensagem de Jesus como uma mensagem de amor, de ser ele representante na terra de um Deus de amor. Só nos livraremos desta preocupação se descobriremos a profunda relação mútua guardada no texto entre amor e ódio. A oração de Jesus, feita com manifestação de grande regozijo: “Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos pequeninos”, exemplifica esta ambiguidade, pois é ao mesmo tempo entendida como um ato de desprezo aos grandes deste mundo e um profundo amor aos que são marginalizados e oprimidos. São os pequeninos que estão mais propensos a aceitar o convite para o Reino e a crer na mensagem por ele pregada. Por isso Jesus declara: “quem der de beber ainda que seja um copo d’água fria a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que de modo nenhum perderá o seu galardão” (Mt 10,42).

Contexto 2 – Os atos de Jesus usados para provar a João a sua identidade, que acima foram por nós expostos como atos de violência por contrariarem a lei natural e às vezes a própria Lei dos judeus, são na verdade profundos atos de amor. Felizes aqueles que podem contemplar as maravilhas que Deus criou. Felizes aqueles que podem correr no meio dos prados floridos, plantados pelo Senhor. Felizes aqueles que podem ouvir a sonoridade dos campos: a voz dos pássaros, o murmúrio do vento e das águas. Felizes aqueles que gozam de plena saúde para viver plenamente as bênçãos outorgadas pelo Senhor. Felizes os que recebem a notícia de que as portas do Reino se abrem para eles. Só mesmo motivado por um profundo amor alguém pode ficar ao lado dos pobres e enfrentar as forças que cegam os olhos, que inibem os passos, que tapam os ouvidos, que aumentam a dor física, que impedem a chegada de qualquer notícia de ânimo e esperança. É um ato de grande amor dar novamente vida aqueles que já estavam mortos pelo peso da opressão e do abandono.

Contexto 3 – Enfim, a conquista do reino se dá em meio a um sério conflito entre a violência e o amor. Chegar ao ponto final da conquista do Reino é atingir o topo mais alto do amor. “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim, quem

10. Idem.

11. Verbete *biastés*. In: *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

ama o filho ou a filha mais do que a mim, não é digno de mim” (Mt 9,37). Na avaliação ética é considerado grande ato de violência o desrespeito e o abandono dos familiares. Mas o amor que se devota a Cristo não substitui o amor ao pai ou à mãe. Pelo contrário, tal demonstração de afetividade para com os familiares é o primeiro degrau desta grande escalada de amor.

II – Os dois personagens do dito

Nos dois lugares em que aparece (Mt 11,12 e Lc 16,16), o dito aqui em estudo é atribuído a Jesus. Também em ambas as ocorrências ele está relacionado diretamente com João Batista. Então é necessário examinar o que sabemos sobre estes dois personagens e o envolvimento deles com as ações violentas para uma aproximação ao sentido do dito. Veremos se há violência no relacionamento dos dois personagens, para depois examinar o assunto separadamente em João Batista e Jesus.

a) João Batista e Jesus

Contexto 1 – O teólogo Joachim Jeremias faz um interessante estudo sobre a expressão “até João”¹². A discussão gira em torno de saber se a vigência da Lei e dos profetas terminou com a morte de João Batista, e assim ele seria o último dos profetas, ou se a Lei e os profetas encerraram seu domínio com o aparecimento dele. Deste modo João Batista estaria iniciando um novo tempo na história da salvação. Antes de uma discussão sobre este assunto é preciso notar uma diferença nos textos de Mateus e de Lucas. Mateus começa falando dos profetas e diz: “Pois todos os profetas e a Lei *profetizaram* até João”, enquanto em Lucas está: “A Lei e os *profetas* duraram até João” (grifo nosso). A tônica em Mateus recai na proclamação profética, enquanto Lucas pensa em “Lei” e “profetas” como instituições da história de Israel, e tira o foco da pessoa de João ao usar a expressão “desde então”. Joachim Jeremias opta pela segunda hipótese, que ele chama de “exclusiva” e afirma que João Batista inaugura a entrada do novo tempo do Reino dos céus. Outros autores tendem a reconhecer a primeira hipótese¹³.

Contexto 2 – Jesus usa uma cantiga das crianças para dizer da sua parceria com João na proclamação da mensagem e na rejeição por parte de seus ouvintes. É o próprio Mateus quem afirma que João Batista e Jesus apareceram pregando a mesma mensagem: “Arrependei-vos, pois está próximo o Reino dos céus” (Mt 3,2; 4,17). Todos os quatro Evangelhos incluem João Batista na apresentação do início do ministério de Jesus. Os elogios recíprocos entre os dois são muito fortes. É possível que com a expressão “*mais do que profeta*” Jesus esteja excluindo João Batista do nível dos profetas. No Evangelho de João, cujas informações parecem ser bem antigas, a aproximação entre os dois é bem maior do que nos sinóticos. Nele os primeiros discípulos de Jesus vieram do círculo de João (Jo 1,35-42); outros ditos atribuídos a Jesus também fo-

12. Joachim Jeremias. *Teologia do Novo Testamento*, p. 93-94.

13. Lancelotti, Carter, Broadus, nos respectivos comentários a Mt 11,12 (ver bibliografia).

ram proferidos por João (Mt 3,7 e 23,33; Jo 3,35 e Lc 10,22). Além disso, o batismo de João é altamente valorizado por Jesus (Mt 21,23-27) e tomado pela igreja primitiva com marco do início do seu ministério (At 21-22).

Contexto 3 – O reconhecimento, porém, de que João Batista é o inaugurador do novo tempo da salvação incomodou a Igreja desde as suas origens, pois sempre deram a Jesus esta honra. No próprio contexto de nosso dito foi possível encontrar reações pouco amistosas de ambas as partes. João, depois de tudo que soube e disse sobre Jesus, envia os seus discípulos com a seguinte indagação a Jesus: “és tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?” (v. 3), parecendo não reconhecer nele de forma completa o perfil do Messias prometido. Por outro lado, com as palavras “*maior*” e “*menor*”, Jesus está contrapondo a origem humana de João com a sua origem divina, já que na terra ele tornou-se o menor (Fl 2,6-11), mas não perdeu a sua pertença ao Reino dos céus. Há quem entenda o dito como uma censura de Jesus a João por estar causando turbulência na vinda do Reino, já que ele quer introduzir um Reino de paz¹⁴. Assim a igreja procurou separar e estabelecer uma diferença de nível entre os dois: o batismo foi apenas para cumprir uma formalidade da Lei (Mt 3,5); João em várias vezes reconhece a superioridade de Jesus (Mc 1,7-8, etc.); o batismo com água é realizado apenas pelos discípulos de Jesus (Jo 4,2). Assim parece que a Igreja afirma em definitivo que o tempo da salvação começou depois da morte de João, At 1,5; 10,37; 13,24-26; 19,4(11), e os seguidores de João teriam de completar o batismo de acordo com os ensinamentos dos apóstolos (At 19,5).

b) João Batista e a violência

Para tratar do tema da violência na vida de João Batista bem como na vida de Jesus, os intérpretes se atêm no sentido ativo ou passivo do primeiro verbo do dito que, como vimos, tem a mesma forma para as vozes média e passiva. Foi João quem agiu violentamente na introdução do tempo do Reino ou ele foi violentamente atacado por ser o portador desta novidade revelada pelo Espírito de Deus?

Contexto 1 – Com a descoberta dos manuscritos do Mar Morto acirrou-se ainda mais a polêmica em torno da identificação de João Batista como um membro da comunidade dos essênios. Os principais argumentos são: Os essênios praticavam uma espécie de purificação com água, embora pareça guardar alguma diferença do batismo de João. O provável lugar onde João batizava fica em linha reta a pequena distância das cavernas onde foram encontrados os manuscritos; a opção pelo deserto, sua vida ascética, seus hábitos alimentares, seu vestuário, assemelham-se aos hábitos daqueles que, à maneira dos essênios, optavam por uma vida à parte da sociedade. Há uma outra possibilidade, a qual particularmente chama a minha atenção. A expressão de Mt 21,32 “João veio a vós no caminho da justiça” normalmente é interpretada como uma referência à justiça profética, mas quero lembrar duas coisas: “*caminho*” no Novo Testamento tem muitas vezes o sentido de “*seita*”, “*religião*” (At 9,2; 13,10; 16,17; 18,25;

14. John A. Broadus. *Comentário de Mateus*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1949 (sobre Mt 11,12).

19,9.23; 22,4; 24,4.22; Rm 3,17; 2Pd 2,2.15.21). A outra coisa é que o líder espiritual dos essênios é nomeado como o *Mestre da Justiça*. É interessante que Jesus teve sérios confrontos com as seitas judaicas, mas não faz qualquer referência aos essênios. É interessante notar também que nos contextos anterior e posterior de nosso dito Jesus faz questão de acentuar as qualidades ascéticas de João Batista.

Contexto 2 – Seja como for, o fato de João vir no caminho da justiça dá o tom da sua violência no desempenho da tarefa a qual se propôs. Nosso texto começa dizendo que João estava no cárcere. Em outras partes os evangelistas dão conta das causas da prisão do profeta (Mt 14,1-12, etc.). Ele está preso por causa de sua luta sem concessões em prol da justiça. “Ele é o Mensageiro dos últimos tempos (Mt 3,1), cuja prática é anunciar e restabelecer o sentido da justiça e provocar a grande restauração”¹⁵. Pela fidelidade a este propósito ele não se deixa comprar pelas regalias dos palácios reais. A figura da cana agitada pelo vento bem mostra a sua firmeza em não se deixar levar pelos atalhos do favorecimento e da recompensa barata. Pelo contrário, como os grandes profetas, denuncia violentamente os erros de todos, incluindo aí as maiores autoridades do povo (2Sm 12,7; 1Rs 17,18; 21,20; Lc 13,37).

Contexto 3 – O texto em que está nosso dito termina com um pronunciamento também enigmático de Jesus sobre a Sabedoria. Lucas (11,49) novamente se refere a ela: “Por isso diz a Sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei e eles matarão a uns e perseguirão a outros. Portanto, desta geração será requerido o sangue de todos os profetas que foi derramado desde a fundação do mundo”. Parece que a perseguição aos profetas, filhos de Deus (Lc 7,35), por causa de suas obras (Mt 11,19) tem de vir para que se cumpra o que foi predito pela Sabedoria de Deus, quer ela se trate de um livro perdido, com este nome, quer se refira às palavras do próprio Jesus (Mt 23,34). Talvez a maior agressão sentida por João Batista é que, sendo ele portador do Espírito profético e de suas virtudes, do mesmo Espírito que conduziu o grande profeta Elias (Lc 1,17; Mt 11,4; 9,11-13), é agora acusado de estar possuído pelo espírito dos demônios, a mesma acusação que recebe o seu companheiro neste texto (Mt 12,24).

c) Jesus e a violência

Contexto 1 – A partir do século XVIII vem se desenvolvendo uma pesquisa para verificar as possíveis aproximações de Jesus com o movimento dos zelotes. Podemos citar, em português, um minucioso estudo do prof. Oliveira Leite Gonçalves sobre o tema¹⁶. O nosso dito e o que aparece no contexto: “Não penseis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer paz, mas espada” (Mt 10,34), fazem parte dos textos dos evangelhos usados para fundamentar a pesquisa. Outros fatos e ditos de Jesus são lembrados, como alguns dos que foram relacionados pelo professor Oliveira: a pregação do Reino; seu messianismo; a atração pelo deserto (Jo 10,39-40); as tentações de Jesus; a origem dos discípulos: Simão o Zelota; Simão Barjonas; Judas Iscariotes; os filhos de Zebedeu; a

15. Gilberto S. Gorgulho e Ana Flora Anderson. *A justiça dos pobres: Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 116.

16. Oliveira Leite Gonçalves. *Cristo e a contestação política*. Petrópolis: Vozes, 1974.

purificação do templo; ditos sobre as espadas. Vários pesquisadores, como o autor citado, são inclinados a ver uma forte aproximação entre Jesus e os zelotes¹⁷. Outros acham que os indícios dos evangelhos não são suficientes para esta conclusão¹⁸.

Contexto 2 – Seja como for, se nos ativermos apenas ao nosso contexto, encontraremos provas claras de que Jesus se opôs decisivamente aos poderes constituídos de seu tempo. Ele se opõe ao poder econômico, criticando os ricos que esbanjam o seu dinheiro em roupas custosas e banquetes fartos; opõe-se ao poder político criticando as autoridades que se recolhem em seus palácios, distribuindo benesses apenas aos que o rodeiam; opõe-se à depredação ecológica, valorizando mais a vida natural do deserto do que os aglomerados poluidores das grandes cidades; opõe-se à imposição cultural lembrando os cânticos folclóricos das crianças de seu país. Sim, Jesus “exerce a santa violência daqueles que se apoderam do Reino à custa das duras renúncias”. Ele se volta contra a “tirania dos poderes demoníacos, ou dos seus arrimos terrestres, que pretendem conservar o domínio deste mundo e criar obstáculos ao progresso do Reino de Deus”¹⁹.

Contexto 3 – Dentre os modelos de Messias que eram esperados na cultura judaica, Jesus escolheu a figura do Servo Sofredor, que, na esteira da profecia de Isaías 53, viria “manso e humilde de coração”, para com a sua vida dar descanso aos cansados e oprimidos deste mundo. Por isso rejeitou a imposição de qualquer outro modelo messiânico que o tirasse do seu verdadeiro propósito (Mt 16,22-23; Jo 6,15). Assim os inimigos o atacam desde os seus primeiros tempos até a sua morte na cruz: Herodes, o diabo, os demônios, a elite urbana, os líderes religiosos, os aliados de Roma, as multidões, Pilatos²⁰. Mas no nosso contexto encontramos exemplos da atitude daqueles que mais feriram o seu coração: os seus amigos e companheiros, aqueles que receberam dele os maiores favores e responderam a isso com indiferença, desprezo e a rejeição ao seu convite amoroso. Por conta desta atitude, Jesus proferiu a bela lamentação contra as comunidades de Corazim, Betsaida e Cafarnaum (Mt 11,20-24), as quais, enfatizadas por serem reconhecidas como cidades-estado dentro da política territorial do Império Romano, esqueceram o seu compromisso histórico da atenção à voz profética dos líderes do seu povo.

III – Guerra e paz no Reino dos Céus

a) O movimento dialético entre violência e paz em nosso dito e seu contexto

Contexto 1 – Estamos completando o estudo deste dito, cientes de que ele é parte de um autêntico discurso sobre o Reino de Deus. Todo teólogo da Bíblia que se preze tem um texto escrito sobre o Reino de Deus. As discussões normalmente giram em torno de quatro pares que se opõem um ao outro, já que as expressões “Reino dos Céus” e “Rei-

17. Günther Bornkamm. *Jesus de Nazaré*, p. 79, nota 26.

18. Günther Bornkamm. *Jesus de Nazaré*, p. 78-91.

19. Veja nota sobre Mt 11,12 na *Bíblia de Jerusalém*.

20. Comentário a Mt 11,12 in: Warren Carter. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso*. São Paulo: Paulus, 2002.

no de Deus” são consideradas sinônimas; a diferença vem do fato que os judeus evitavam pronunciar o nome de Deus. De acordo com Joachim Jeremias a expressão “Reino de Deus” nos Evangelhos parece ser mais antiga, alterada depois por causa do cuidado atrás mencionado²¹. Os quatro pares são: reino presente ou futuro, já chegou ou está reservado para o fim do mundo; material ou espiritual, acontece aqui ou é uma realidade transcendental; objetivo ou subjetivo, Jesus disse: o reino está *junto* de vós, ou *dentro* de vós; “reino” ou “reinado”, trata-se de um reino com toda sua estrutura, ou do domínio de Deus sobre os céus e a terra. Nosso propósito agora é examinar a natureza da violência e da paz exercidas no Reino dos céus, a partir de nosso dito e do seu contexto.

Contexto 1 – A dialética entre violência e paz está presente na própria forma literária, pois o texto deveria ser, como entendeu Lucas (Lc 16, 16), apenas uma exposição sobre o esperado Reino dos céus, com as provas pedidas por João, as citações comprobatórias, e o apelo para que todos nele entrem. Nele, porém, “parece predominar o tom da polêmica”²². O texto respira mágoa pela incompreensão das pessoas, ironia pela arrogância de quem se julga superior, prazer na descrição da violência, indiferença frente à incredulidade dos convidados à participação no Reino, tristeza pela dureza dos corações. E isto para nos ater apenas ao texto, pois seus contextos, tanto o anterior como o posterior, apresentam-se no mesmo tom. Mas tudo isto está entremeado com boas-novas de saúde, proteção, bom ensino e sossego para os pequeninos, cansados e oprimidos.

Contexto 2 – Esta alternância entre a violência e a paz é melhor entendida quando sentimos mais de perto a intenção de Jesus em cada frase proferida. Ele começa dirigindo-se aos discípulos de João Batista (v. 4) e depois passa a falar à multidão (v. 7). Mas o discurso de Jesus é bem mais multidirecionado do que aparenta ser. Dirigindo-se aos discípulos de João Batista ele tem em mente o próprio João, que depois de tantos encontros ainda tem dúvida sobre sua messianidade. A “multidão” se desdobra, na sequência de sua fala, nas autoridades judaicas que não se definem a respeito de João, na multidão e nos próprios discípulos de Jesus que precisam de uma confirmação sobre a autoridade profética do pregador do deserto, novamente em João Batista sobre a sua real posição no Reino, nos pretensos intérpretes da Lei, nos inconformados que usam de todas as desculpas para o não cumprimento das exigências do Reino.

Contexto 3 – Assim a questão da violência ou da paz no Reino de Deus está condicionada à maneira como as pessoas reagem ao seu anúncio. João o recebe pacificamente, trocando todas as vantagens deste mundo pela paz que dele advém. E o mesmo João apresenta um reino de paz ou de violência, conforme a intenção daqueles que o procuram no deserto. Da mesma maneira Jesus, que se apresenta como o “menor no Reino dos céus”, anuncia um Reino de paz aos que creem nos seus milagres, no seu convite amoroso e nas suas promessas de alívio e alegria aos que o aceitam humildemente, mas um reino de violência aqueles que não recebem os seus enviados, os que dele se escandalizam, os que zombam do Espírito profético que nele age. Contra estes o Reino agirá com maior violência do que aconteceu com Sodoma, nos dias de Ló.

21. Gerd Theissen. *Sociologia da sociedade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1985, p. 52.

22. Joachim Jeremias. *Teologia do Novo Testamento*, p. 61.

b) A natureza da violência no Reino dos Céus

Contexto 1 – Tomando a expressão: “há violência no céu” em seu sentido estático, perguntamos quais as informações que temos na Bíblia sobre práticas violentas no céu. A resposta é: quase nada, porque a Bíblia não dispõe de uma cosmogonia com informações sobre a organização e hierarquia dos anjos, quer sejam bons ou maus. Assim as descrições existentes sobre Satanás, sua origem e sua rebelião no céu são produtos da imaginação ou de fontes extrabíblicas²³. Os textos mais diretos sobre o assunto são a afirmação de Jesus, que viu Satanás cair do céu como um raio (Lc 10,18) e o texto do Apocalipse (Ap 12,7-12), que descreve a guerra no céu entre Miguel e os seus anjos e o dragão também chamado de diabo ou Satanás. Estes textos guardam semelhança com dois poemas dos profetas Isaías (Is 14,12-14) e Ezequiel (Ez 28, 11-15), os quais na verdade usam figuras tiradas das religiões orientais²⁴, mas que tratam da ascensão e queda respectivamente da Babilônia e de Tiro.

Contexto 2 – Sendo assim, a resposta para a questão da violência no Reino dos céus vai depender do entendimento que temos a respeito do próprio Reino. Se o Reino “é chegado”, então “agora se cumpre o tempo da profecia” e “de maneira inaudita o povo de Deus é reunido”²⁵ e tanto a violência sofrida como a investida violenta de Jesus e João Batista prenunciam as dificuldades que os discípulos terão na defesa e conquista do Reino. Em se tratando do Reino de Deus futuro “diversas tradições esperavam que um conflito intensificado entre o bem e o mal precederia o reinado de Deus”²⁶. Entendido como uma experiência subjetiva, as dúvidas e a agonia que assaltaram os dois personagens de nosso dito foram interpretadas no cristianismo posterior como a luta interior dos cristãos contra as pressões que procuram desviar aqueles que querem atravessar a porta de entrada do Reino. Se o Reino está “no meio de nós” é preciso ter olhos para ver que toda a violência praticada no mundo é uma violência contra o Reino de Deus.

Contexto 3 – Tanto no tempo do Novo Testamento como na sequência da história da Igreja, o Reino de Deus tem sido entendido como uma força espiritual do bem em constante luta contra as forças do mal, representadas pelo diabo e por todas as hostes de demônios e anjos maus. É interessante que, em nosso texto, a lista de milagres que Jesus apresentou a João como prova da chegada do Reino de Deus não inclui a expulsão de demônios. Entendido como a presença do Reino aqui na terra, a luta deve ser concebida como o esforço inconstante pela construção de uma sociedade mais justa e mais participativa para que o Reino se aproxime de seu ideal de beleza e perfeição. Entendido literalmente como “reino”, a violência é empregada na defesa da sua instituição, das leis que o regem, na definição do povo que a ele pertence, do espaço que ocupa. Se não for “reino”, mas “reinado” de Deus, a luta é pelo reconhecimento da soberania de Deus e o combate sem trégua contra todos os poderes que querem usurpar o seu trono. Em todos os aspectos nos quais se aborda o Reino de Deus, ele será sempre um lugar de justiça e paz entre todos os povos.

23. Comentário a Lc 10,18 in: Russel Norman Champlin. *ONT interpretado*. Guaratinguetá: A Voz Bíblica s/d, v. 1.

24. Veja comentário sobre Is 14,12-17 na *Bíblia de Jerusalém*.

25. Leonhard Goppelt. *Teologia do Novo Testamento*, p. 98.

26. Comentário a Mt 11,12 in: Angelo Lancelotti. *Comentário ao Evangelho de S. Mateus*. Petrópolis: Vozes, 1980.

c) Reinado de Deus: tempo de violência ou de amor ao inimigo?

Fecharemos este estudo seguindo de perto as ideias principais do excelente artigo de Gerd Theissen, “A renúncia à violência e o amor ao inimigo, e seu pano de fundo histórico-social”²⁷. É um estudo de Mt 5,38-48/Lc 6,27-38, no qual ele aplica, como sugere o título, os processos socioanalíticos no exame textual. Julgamos que elas se adaptam bem à análise aqui desenvolvida.

Contexto 1 – Como nosso texto (Mt 11,1-19) aparece também em Lucas (Lc 7,18-35), mas está ausente em Marcos, os críticos concluem que ele pertence a uma fonte escrita anterior, à qual dão o nome de Fonte Q. Acontece que, como vimos, Lucas omite o nosso dito. Por isso, nas listas de textos atribuídos à Fonte Q, ele é omitido também²⁸. O fato de estar ausente em Lucas não significa que ele não pertença a um documento antigo, já que a omissão pode ter sido consciente, como já vimos e este evangelista o usa em outro contexto (Lc 16,16). Estas observações reforçam a ideia de que tanto Mateus como Lucas fizeram uso específico de um dito que na sua origem poderia ter sentido diferente. Se for assim, teríamos refletidas nele três gerações redacionais: a da fonte primitiva (Q?), a de Mateus e a de Lucas. A mais antiga é a que tem mais possibilidade de ter sido proferida ao lado de outras que falam do amor a Deus e ao próximo (Mt 5,38-40/6, 27-38), ou seja, elas devem ser interpretadas em um contexto de obediência e imitação daquele que deu o maior exemplo de amor, e reconhecimento do próximo necessitado, cuja defesa deve ser feita com o maior ardor e esforço possível.

Contexto 2 – A comunidade de Mateus reflete uma igreja nascente que já sofre forte pressão dos judeus. Ao contrário de ser aceita como a mensageira do pleno cumprimento das promessas feitas ao seu povo, ela não mais vê as autoridades, as quais chama pelo nome: sacerdotes, escribas, fariseus, saduceus, constituídas para a defesa do povo da qual ela é parte, mas como inimigos opressores, trabalhando para a sua destruição. Sendo assim, ela se esforça por provar pelas Escrituras que Jesus é o Messias que havia de vir. Além disso, juntamente com o seu povo, ela sente a forte mão do império romano destruindo o seu templo e arrasando a sua Jerusalém. Por isso é Mateus quem mais fala sobre o Reino dos céus. E o que esperam do Reino é justamente a aplicação da justiça, a recompensa a cada um, de seus feitos, quer sejam bons ou maus. Contra os judeus a violência é ativa, representada no Evangelho pelas duras discussões contra as suas autoridades, jogando em seus rostos todos os crimes que estão cometendo contra os enviados de Deus. Contra os romanos a violência é passiva, procurando evitar qualquer confronto contra o império, mas aguardando uma recompensa final a todos os seus sofrimentos (Mt 5,3-12).

Contexto 3 – Em Lucas a comunidade cristã está se espalhando pelas cidades prósperas da Ásia Menor e da Grécia e o dito aqui estudado (Lc 16,16) está inserido em um contexto marcado pela força do poder econômico. O seu contexto fala de um administrador que se perde na guarda dos bens a ele confiados, de fariseus avarentos e do

27. Gerd Theissen. *Sociologia da sociedade primitiva*, p. 100-132.

28. J. Schreiner e G. Dautzenberg. *Formas e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 203.

contraste entre as vidas de dois homens, um muito rico e outro muito pobre. Por isso a questão da violência no Reino de Deus está ligada diretamente ao acerto de contas, da cobrança até do último til, previsto na Lei que tem o valor de contrato referente à dívida contraída. As bem-aventuranças de Mateus são em Lucas o confronto entre aqueles que reservaram os seus bens para os tempos da consumação do mundo e os que se desvaneceram com as riquezas deste mundo, indo então sem nada nas mãos para os tempos eternos (Lc 6,20-26).

Enfim, o enigma deste dito é um desafio para que, explorando todas as suas possibilidades de interpretação, cheguemos até a voz profética que o pronunciou primeiro e o entendamos dentro da boa-nova que, com sua voz e sua vida, ele deixou a todos os que com todo ardor se dispuseram a dar continuidade nos nossos dias à propagação da presença entre nós do Reino de Deus.

Bibliografia

- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1991.
- Bíblia, Tradução Ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1994.
- BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Teológica, 2005.
- BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1949.
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHAMPLIM, Russel Norman. *ONt interpretado*. Guaratinguetá: A Voz Bíblica, s/d, v. 1.
- GONÇALVES, Oliveira Leite. *Cristo e a contestação política*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- GORGULHO, Gilberto S. e ANDERSON, Ana Flora. *A justiça dos pobres: Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- Greek-English Lexicon of the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.
- JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica; Paulus, 2004.
- KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- The Pulpit Commentary. Matthew*. Michigan: Eerdmans, 1950, v. 15.
- LANCLOTTI, Angelo. *Comentário ao Evangelho de S. Mateus*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- MANSON, T.W. *O ensino de Jesus*. São Paulo: ASTE, 1951.
- SCHREINER, J. e DAUTZENBERG, G. *Formas e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- THEISSEN, Gerd. *Sociologia da sociedade primitiva*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.